

## CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA DA LITERATURA TRADUZIDA *Transatlantic Circulation of Translated Literature*

Arvi Sepp (VUB),  
Luana Ferreira de Freitas (UFC/UFSC),  
Marie-Hélène C. Torres (UFSC/UFC),  
Walter C. Costa (UFSC/UFC)

A circulação da literatura traduzida é um fenômeno rico e complexo que envolve fluxos mundiais. Este número da *Revista de Letras* é dedicado ao fluxo entre as Américas e a Europa e resulta do evento *Circulation of Literature Between the Americas and Europe*, realizado em junho de 2023 na VUB, Universidade Livre de Bruxelas.

Ao longo da história, tem havido uma troca contínua de obras literárias entre esses dois continentes, alimentando um diálogo cultural e literário enriquecedor. As traduções permitem que as vozes de autores e as perspectivas culturais sejam compartilhadas além das fronteiras linguísticas, conectando leitores de diferentes partes do mundo. Autores como Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Clarice Lispector e Machado de Assis tiveram suas obras amplamente traduzidas para o inglês, o francês, o espanhol e outros idiomas europeus, fazendo suas vozes ressoarem em outros espaços literários. Na direção inversa, traduções de William Shakespeare, Miguel de Cervantes e Dante Alighieri ajudaram a moldar os cânones literários das Américas.

A circulação transatlântica da literatura traduzida tem sido impulsionada tanto por fatores culturais quanto comerciais. As editoras desempenham papel crucial na seleção e promoção de obras para tradução. Como observou Pascale Casanova (2002) em *A República Mundial das Letras*, os fluxos tradutórios são assimétricos, com obras europeias frequentemente alcançando um público mais amplo nas Américas do que o contrário. Essa circulação tem impacto significativo na formação de identidades literárias e no enriquecimento do panorama global. Ao ler obras traduzidas, os leitores são expostos a novas perspectivas, estilos e temas, ampliando seus horizontes literários. Essa troca transatlântica também promove o diálogo intercultural, levando a uma compreensão mais profunda das diferenças e semelhanças entre as tradições literárias.

Nesse contexto, os artigos reunidos aqui exploram diferentes aspectos da circulação transatlântica e dos modos de mediação cultural que se manifestam no ato tradutório. Cada artigo mostra como a tradução, em suas diversas formas (interlinguística, intersemiótica e intercultural), constitui um espaço de criação e reflexão crítica sobre as relações entre língua, corpo, imagem e poder.

O artigo “Memória coletiva e tradução: adaptações ideológicas nas traduções alemãs e portuguesas do *Diário de Anne Frank*”, Philippe Humblé e Arvi Sepp examinam as adaptações ideológicas nas traduções alemãs e portuguesas do *Diário de Anne Frank*. Eles mostram que as primeiras traduções para o alemão, sobretudo a de Anneliese Schütz,

suavizam as referências à identidade judaica de Anne e à responsabilidade dos alemães pelo Holocausto. Por outro lado, segundo eles, a tradução posterior de Mirjam Pressler está mais próxima do texto-fonte, reproduzindo passagens omitidas. Para os autores, as duas posturas opostas refletem os momentos históricos em que essas traduções foram publicadas. No contexto lusófono, Humblé e Sepp abordam traduções portuguesas e brasileiras. Em Portugal, dão destaque para as traduções de Ilse Losa, baseada na versão alemã suavizada, e a de Elsa T. S. Vieira, que seguiu a edição inglesa “definitiva”. O artigo constata que no Brasil há uma multiplicidade de traduções, muitas voltadas ao público juvenil, com introduções e prefácios que, em geral, evitam mencionar diretamente os nazistas ou o destino trágico de Anne. Entre elas, estão as de Elia Ferreira Edel, Ivanir Alves Calado, Georgia Mariano, e Cristiano Zwiesele do Amaral, que traduziu diretamente do neerlandês.

O artigo de Marilyn Mafra Klamt e Rachel Sutton-Spence analisa a tradução seletiva em duetos poéticos bilíngues-bimodais (língua de sinais e língua oral), com foco na performance “4 Arms/Snowstorm”, de Peter Cook e Kenny Lerner. A partir da crítica da tradução, identificam-se cinco estratégias principais que valorizam a visualidade e promovem a coautoria artístico-tradutória, possibilitando ao público ouvinte “ver” o poema no corpo do artista.

Sheila Maria dos Santos investiga a ausência de traduções no Brasil de obras de mulheres do grupo OuLiPo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*), em contraste com a ampla circulação dos autores masculinos Queneau, Perec e Calvino. A autora argumenta que essa invisibilidade não se deve a dificuldades linguísticas ou literárias, mas a fatores extraliterários, como sexismo e exclusão histórica das mulheres do cânone. A pesquisadora reflete sobre as consequências dessa lacuna para o cânone literário e propõe a tradução e discussão dessas obras como formas de combater a invisibilidade e o silenciamento das autoras oulipianas.

Regina Almeida Amaral e Marie-Hélène Torres investigam a substituição da tradução indireta pela direta no mercado editorial brasileiro, com base na análise de 50 obras escandinavas traduzidas entre 2017 e 2021. O estudo adota como referência a teoria dos paratextos de Genette (2009), os índices morfológicos de Torres (2014) e as noções de tradução indireta de Gambier, Pięta-Cândido e Ivaska. Os resultados revelam diferentes graus de (in)diretude e modos variados de indicação nos livros. Embora se observe aumento das traduções diretas, a indireta permanece significativa, o que mostra que a preferência por traduções diretas não é homogênea entre editoras nem entre gêneros.

Andréa Cesco e Luzia Antonelle Pivetta apresentam e comentam a tradução inédita para o espanhol de uma crônica de Júlia Lopes de Almeida. As autoras fundamentam suas escolhas na discussão da naturalização (Aixelá, 2013) e da exotização (Cesco e Torres, 2023), defendendo a complementaridade de ambas ao equilibrar o universo cultural carioca do início do século XX e a legibilidade do público hispânico.

Em “A tradução de *As crônicas de Nárnia* do texto à imagem: uma perspectiva funcionalista”, Rafael Ferreira da Silva e Talita Ferreira de Souza Brito aplicam a teoria funcionalista de Christiane Nord à tradução intersemiótica entre o livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (1950) e sua adaptação cinematográfica (2005). A comparação de elementos intra e extratextuais revela como temas complexos foram adaptados, preservando a funcionalidade comunicativa entre culturas e sistemas semióticos distintos.

Wagner Monteiro analisa a obra de Haroldo de Campos a partir de um projeto transnacional que conecta poesia e tradução ao contexto latino-americano. Assim como Haroldo, o autor concebe a tradução como prática criativa que subverte hierarquias literárias e

questiona visões eurocêntricas. A influência do Barroco e do Neo Barroco hispano-americano, com autores como Lezama Lima e Severo Sarduy, é central para repensar a literatura brasileira em diálogo com a América Hispânica. O artigo examina *Galáxias*, de Haroldo, como expressão de uma “americanidade” que integra línguas, tradições e culturas em um espaço literário descolonizado e constelar.

Luciana Ferrari Montemezzo e Bárbara Loureiro Andretta, em “*Traducir buscando no traicionar: La casa de Bernarda Alba en traducción inédita al portugués de Brasil*”, examinam a tradução inédita da peça de García Lorca por Clarice Lispector e Tati de Moraes (1968). Por meio da análise das estratégias tradutórias — especialmente das metáforas —, destacam um diálogo literário transcultural de alto valor estético, que demonstra os intercâmbios culturais entre Espanha e Brasil mediante técnicas mistas de domesticação e estrangeirização.

Samantha Marques de Souza e Sabrina Moura Aragão comentam a tradução para o inglês de três páginas do quadrinho *Arlindo*, de Ilustralu, discutindo estratégias de transposição de marcadores culturais — verbais, icônicos e verbo-icônicos — com base em Aragão (2018) e na Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (1990). A análise evidencia o papel da tradutora como mediadora entre culturas em contextos de desigualdade de poder e mostra que a decisão entre manter, adaptar ou explicar cada elemento depende do tipo de marcador e do objetivo de inserir um quadrinho brasileiro periférico em um contexto literário anglófono dominante.

Jocelma Gomes Rodrigues Lima, Nadia Maria Fonseca Campos Ribeiro e Rafael Ferreira da Silva, em “*O paratexto em edições de O pequeno príncipe em Libras e a (in)visibilidade do tradutor*”, examinam os paratextos em traduções literárias para Libras, analisando duas edições da novela para investigar a (in)visibilidade do tradutor. A pesquisa mostra que a posição do nome do tradutor nos elementos paratextuais reflete questões de poder linguístico e valorização profissional, evidenciando a necessidade de maior reconhecimento dos tradutores de línguas de sinais na literatura acessível.

Claudio Luiz da Silva Oliveira apresenta as narrativas de Mariquita Sánchez sobre o tratamento dado a mulheres e crianças no Vice-Reino do Rio da Prata, com base em *Recuerdos del Buenos Ayres Virreynal*. Por meio da análise de conteúdo, o estudo revela que as mulheres eram educadas exclusivamente para o casamento e os cuidados domésticos, sem autonomia afetiva ou intelectual. O autor examina também o impacto das escolhas tradutórias na percepção do leitor e na construção de identidades culturais, sublinhando a importância de uma abordagem crítica e contextualizada da tradução literária.

Valéria Augusti e Tassiane Andreza Damião dos Santos investigam a circulação e recepção das obras de Mary Elizabeth Braddon na Província do Pará (1880–1900), discutindo, no romance *Um crime misterioso* (tradução de Henry Dunbar), o papel do crime e da vingança na narrativa. Ancorado na história editorial e cultural — com pesquisa em periódicos, anúncios e gabinetes de leitura — e articulado ao gênero “romance de sensação” (Hughes, Pykett e Black), o estudo demonstra que Braddon era lida e comercializada em Belém. O romance emprega crime, vingança, disfarce e peripécia para manter o suspense e a moralidade, elementos centrais do gênero, revelando um circuito transnacional de circulação literária no século XIX.

Em “*A circulação de um barco ébrio: Le Bateau Ivre no Brasil*”, Vinícius Alves de Souza e Maria Lúcia Dias Mendes analisam as transferências culturais do poema de Rimbaud no Brasil, considerando as traduções de Jayro Schmidt e Ivo Barroso e seus paratextos. Fundamentado na Teoria das Transferências Culturais de Michel Espagne (1999) e na noção

de tradução cultural de Jerusa Pires Ferreira, o estudo enfatiza processos de migração, aclimatação e ressemantização do objeto artístico. Ao examinar prefácios e notas, mostra como os tradutores, atuando como mediadores, reconstroem o texto e evidenciam que cada tradução constitui um ato de ressignificação cultural que preserva diferenças, em vez de simplesmente transportar significados.

O artigo de Marcio Campos e Marie-Hélène Torres analisa o texto “*Manifeste chou*”, do poeta francês Christophe Tarkos, comparando duas versões distintas escritas em 1993 e 1996. O estudo mapeia a evolução da escrita de Tarkos e estabelece relações com sua filosofia de composição denominada *pastalavra* (*patmo*). Destaca ainda o caráter vanguardista do manifesto e introduz a noção de “ingenuidade segunda”, distinta das vanguardas históricas, vinculada à relação particular que Tarkos estabelece com a memória literária e cultural.

Boa Leitura!

### **Referência**

Casanova, P. (2002). *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade.